



ÁGORA

Encontros *entre* a cidade e as artes:
Explorando novas urbanidades

[PTDC/ATPGEO/3208/2014]



Artistas visuais transmigrantes: Capital transcultural e geografias translocais

L. Gabriel ^(a)

^(a) Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, leandrogabriel@campus.ul.pt

RESUMO

A presente comunicação aborda alguns dos principais tópicos de uma investigação de doutoramento em migrações, tomando como ponto de inspiração a ideia de um mundo da arte transnacional focado na aproximação entre o ser migrante e o específico mundo das artes visuais. Nesse sentido, tratando-se de uma discussão teórica preliminar, apresenta-se quer a noção de Capital Transcultural como uma perspetiva no estudo das migrações contemporâneas de artistas, quer a noção de Cenas Culturais enquanto lugares de importantes amenidades e atividades culturais e artísticas. Associada às anteriores, revela-se a ideia da produção de geografias translocais desenhadas pela sobreposição dos destinos migratórios destes artistas, com as redes dos lugares de criação, produção e disseminação artística que dá corpo a diferentes mercados de arte. Discute-se aqui, até certo ponto, de que forma estes distintos corpos teóricos podem contribuir para um atual entendimento da mobilidade de profissionais da cultura, particularizando a emigração de artistas visuais portugueses.

Palavras chave: Artistas visuais, Capital transcultural, Cenas Culturais, Geografias translocais

1. INTRODUÇÃO

É hoje inegável a importância que a mobilidade tem como um dos elementos essenciais para a compreensão do mundo contemporâneo, reflexo de uma certa liquidez e de uma realidade onde tudo se move (Bauman, 2000). Contudo, embora se destaque como uma das palavras-chave do presente século e um poderoso discurso com os seus próprios efeitos e contextos (Hannam *et al.*, 2006), a verdade é que as múltiplas histórias de vida que diariamente testemunham a complexa geografia dos movimentos entre cidades, regiões e países, mostram que a mobilidade não é um conceito novo (Faist, 2013).

Além disso, no domínio disciplinar das migrações, o ‘paradigma das mobilidades’ de que nos falam Urry (2000), Cresswell (2006) ou Sheller (2011) – e que combina a teoria social e espacial com adequadas ferramentas teóricas de análise, numa nova conceção de mobilidade – alertou para a consideração de novas tendências da mobilidade espacial de indivíduos, dos seus padrões e manifestações, que, por sua vez, estimularam a abordagem transnacional das migrações. Neste sentido, com a adoção do conceito de transnacionalismo nestes estudos, introduziu-se um modelo de análise com uma lógica mais complexa que envolve, por exemplo, migrações circulares, remigração, transmigrações e práticas transnacionais. Por sua vez, Levitt e Glick Schiller (2004) introduziram a ideia de indivíduos transmigrantes para se referirem aos migrantes que desenvolvem e mantêm múltiplas relações – familiares, económicas, sociais, organizacionais e políticas – entre o país de acolhimento e o de origem.

Ora estas novas e complexas geografias sociais, culturais, económicas e políticas de que os paradigmas referidos dão conta, não passam despercebidas ao “*artistic field*” de Bourdieu (1993) ou ao mais conhecido “*art world*” de Becker (1982), que têm testemunhado grandes mudanças na expansão das suas ‘fronteiras’ e em que a mobilidade é marcada pelo crescente número de eventos de arte internacional, intercâmbios de projetos por artistas de diferentes países e programas de residência, assim como pelo aumento das exportações e importações das próprias obras de arte. Com efeito, os artistas transmigrantes são um dos exemplos das distintas histórias de mobilidade profissional, na medida em que, por diferentes motivos – quer mais próximos da migração sociocultural (embora com um certo impulso económico) ligada ao gosto de viajar e fazer dessa mobilidade um ideal de vida (Heinich, 2005), quer da migração económica (assumidamente por motivos laborais) associada à necessidade de sobrevivência num mercado de trabalho bastante volátil e caracterizado por uma certa precariedade (Gill e Pratt, 2008), reflectindo-se assim a dicotomia, porventura problemática como aponta Russell King (2002), entre os que migram por razões estritamente laborais e aqueles que têm como pilar da migração o fortalecimento do seu capital cultural e social – veem na emigração e circulação, uma opção de vida e parte integrante da sua estratégia profissional (Duester, 2013; Barthélémy e Boichot, 2014; Hirvi, 2015).

Neste contexto, a presente comunicação expõe alguns conceitos e ideias teóricas sobre um mundo da arte transnacional evidenciado pelos artistas visuais transmigrantes¹, que ativam e atualizam diferentes for-

¹ Neste trabalho os artistas visuais tomam uma abrangência suficiente para incluir pintores, ilustradores, fotógrafos, escultores, *designers*, arquitetos e produtores de vídeo e multimédia.

mas de capital nos processos, trajetos e efeitos da sua mobilidade entre cidades e as suas cenas culturais, com crucial importância para a sua própria realidade social, cultural e laboral. Assim, ainda que de forma sucinta comparativamente ao desenvolvimento dado no projeto de doutoramento em curso, apresenta-se a noção de Capital Transcultural como uma perspectiva no estudo das migrações contemporâneas, em particular para o caso dos artistas, assim como a noção de Cenas Culturais – coladas à rede das mais importantes cidades do panorama cultural e artístico (que alguns referem como ‘cidades criativas’) –, e a produção de geografias translocais desenhadas pela sobreposição dos destinos migratórios com as densas redes da criação, produção e disseminação artística que dá corpo a diferentes mercados de arte. Segue-se uma reflexão final sobre o contributo destes corpos teóricos para o entendimento da mobilidade de profissionais da cultura, particularizando a emigração de artistas portugueses.

2. CAPITAL TRANSCULTURAL

À ideia do migrante transnacional está ligada um conjunto de práticas que suportam determinados estilos de vida e sugerem uma relação entre o país de origem e aquele que os acolhe. Neste sentido, com o objetivo geral de capturar e descrever de uma forma interativa algumas das práticas quotidianas dos migrantes, em 2006 num estudo sobre a construção de uma Europa transcultural, Ulrike Hanna Meinhof e Anna Triandafyllidou apresentaram a nova noção de Capital Transcultural. Segundo as autoras trata-se de um conceito que, referindo-se a uma determinada mistura de capital social e cultural na vida de artistas migrantes, com consequências económicas positivas, tem as suas bases assentes no trabalho desenvolvido por Bourdieu (1986), nomeadamente na conjugação e adaptação de três formas de capital: social, cultural e económico. Com ‘capital transcultural’ as autoras querem sugerir uma potencial ligação entre estas três formas de capital, evidenciando o uso estratégico de conhecimentos, competências técnicas e das redes sociais e profissionais adquiridas pelos migrantes por via das conexões entre o seu país e ‘cultura de origem’ que é ativada nos seus novos locais de residência. Adota-se assim esta ideia com a intenção de olhar para as possibilidades estratégicas da criação de fortes laços translocais e transnacionais dentro e entre comunidades de migrantes, artistas e instituições culturais (capital social); e para a extensão do multilinguismo e multiculturalismo, assim como para a manutenção das raízes artísticas das culturas originárias que se misturam com as novas influências locais e globais (capital cultural). Para além disso, defende-se que os artistas migrantes podem estrategicamente utilizar o seu capital transcultural para maximizar, em vez de restringir, as suas opções de residência e sobrevivência fora do seu país de origem, potenciando o sucesso laboral e a construção de uma carreira artística, ou seja, promovendo o seu desenvolvimento económico e profissional (capital económico) (Meinhof e Triandafyllidou, 2006).

3. CENAS CULTURAIS E GEOGRAFIAS TRANSLOCAIS

Num mundo cada vez mais interligado, embora algumas cidades se tenham tornado grandes centros urbanos da ação artística e criativa mundial, outras, mais periféricas (Shaw, 2014) ou mesmo rurais (Markusen, 2013), têm até certo ponto contrariado ou, pelo menos, sido uma alternativa, aos modelos que apontam as ‘cidades criativas’ como os mais importantes centros de retenção de artistas e outros profissionais da cultura. Contudo, entre os vários destinos de residência ao longo dos trajetos migratórios, independentemente da sua dimensão e nível de urbanidade, há determinados contextos particulares que parecem absorver mais recursos e refletir uma efervescência cultural, sugerindo-se que, no que diz respeito à geografia da emigração de artistas, o enfoque não deva ser dado exclusivamente à cidade em si mas também às cenas culturais que se produzem e coexistem nos vários territórios. Assim, complementando o que a Economia e a Sociologia há muito partilharam sobre os ‘clusters criativos’ específicos para a facilitação e promoção da troca de ideia e conhecimentos que fazem a produção artística possível (Pratt, 2008), destaca-se antes a noção de cena cultural como o contexto geográfico que acolhe artistas e outros profissionais da cultura, ao mesmo tempo que os coloca em contacto com uma diversidade de outros atores e agentes. Todavia, apesar de alguma semelhança com outros conceitos amplamente difundidos – *cultural/creative district/quarter/cluster* – a literatura define cenas culturais como “*particular constellation of amenities in a place*” (Silver, Clark e Graziul, 2011: 229) ou “*informal assemblages, ‘fields’ or ‘art worlds’ in which performers/ creators, facilities and audiences/consumers come together in a shared investment in a particular activity*” (O’Connor e Gu, 2016: 24), acrescentando também que estas são “*clusters of social and cultural activity*” que “*mobilizes local energies and moves these energies in multiple directions – onwards, to later reiterations of itself; outwards, to more formal sorts of social or entrepreneurial activity; upwards, to the broader coalescing of cultural energies within which collective identities takes shape*” (Straw, 2004: 412), estimulando a reflexão, o pensamento crítico e o debate de ideias, ao mesmo tempo que conferem lugares propícios a ações de inovação social intimamente ligada à justiça social, às necessidades locais e à capacitação e fortalecimento dos atores locais (André *et al.*, 2017).

Desta forma, defende-se que estas cenas culturais de geografia complexa – provada pela existência de cenas locais, translocais e virtuais (Silver e Clark, 2015) –, mais do que a cidade no seu todo, justificam e determinam os trajetos da emigração (e outras formas de mobilidade) de artistas. Admite-se assim a produção de geografias translocais (Brickell e Datta, 2011) como resultado da escolha (ou vontade de estar próximo) destes lugares dinâmicos e expressivos de múltiplas escalas de processos locais e translocais, enquanto destinos migratórios.

4. NOTAS FINAIS

Do reconhecimento de que as migrações são hoje uma temática dominante no mundo da arte, como resultado da relação entre a emergência de novos fluxos de mobilidade internacional e as complexas dinâmicas dos mercados da arte – uns mais *mainstream* e outros que operam por circuitos mais alternativos (Robertson, 2005) –, nasce a proposta de olhar com particular atenção para o mundo das artes visuais em concreto para as histórias da emigração destes artistas. O interesse aumenta perante o acentuar das dificuldades económicas em Portugal, provocadas pela situação de crise económica e financeira, que tem impulsionado o retomar (ou intensificar) do movimento migratório de artistas portugueses para o exterior, justificado pela falta de oportunidades, baixos rendimentos e precariedade das condições de trabalho.

Neste contexto, de forma sucinta, poder-se-á dizer que olhar para o capital transcultural destes artistas supõe uma leitura do nível de recursos culturais, sociais e económicos, que estes indivíduos possuem no início da sua jornada migratória – pressupondo-se que, no momento da partida, os distintos contextos e níveis culturais familiares, a dimensão da rede de contactos sociais e profissionais, assim como o suporte financeiro, faz com que se desenhem diferentes experiências migratórias. Evidentemente conjugam-se aqui os projetos pessoais e profissionais de cada artista (cuja opção por emigrar pode estar delineada muito antes da conclusão da formação artística), assim como o sucesso da sua integração no mercado laboral em Portugal, que pode obrigar a uma saída forçada do país na busca de melhores condições e estabilidade no trabalho que lhe permita a construção de uma carreira profissional mais digna. Da mesma forma, estes diferentes capitais serão atualizados na sua jornada migratória à medida que se vão integrando na sociedade de acolhimento (social, cultural e economicamente). Por outro lado, o capital transcultural está também implícito nas conexões de longa distância que estes emigrantes mantêm com indivíduos e instituições culturais, que podem, por sua vez, ser ativadas para proveito pessoal, cultural e económico. O que defino como ‘práticas artísticas transnacionais’ vai ao encontro das tradicionais práticas transnacionais que estes transmigrantes mantêm com o país de origem, embora circunscrevendo-as à esfera artística. Trata-se de uma visão ‘*bottom-up*’ do transnacionalismo que reflete o estilo de vida e a experiência migratória dos artistas, que se foca nos aspetos socioculturais da migração e nas estratégias laborais tomadas.

Neste sentido, as cenas culturais e a produção das geografias translocais (rede de lugares) ganham uma dimensão de destaque, na medida em que, conjuntamente com as cidades de reconhecido mérito no panorama cultural e artístico, e as suas amenidades (fatores de atração), abrem portas à ideia de translocalidade ou ao que Smith (2001) chama de ‘*grounded transnationalism*’. Ao colocar-se o foco na interconetividade destes lugares – capturando um sentido de distantes possibilidades de constituição e reconstituição das relações

sociais bastante situadas, evidenciadas por práticas e relações mais esporádicas e moderadas, sobreposição de atividades, comunicações, redes, sentimentos e valores – procura-se destacar como o sentido de identidade se encontra ao nível da cidade, da cena cultural e dos espaços mais intersticiais (ligados aos lugares simbólicos da criação artística) que fazem parte do itinerário da emigração.

5. AGRADECIMENTOS

Esta investigação enquadra-se num projeto de doutoramento do Programa Doutoral em Migrações, sobre a “Mobilidade de artistas portugueses: capital transcultural e emigração nas artes visuais”, em curso no IGOT-ULisboa, com bolsa FCT (PD/BD/113552/2015).

6. BIBLIOGRAFIA

- André, I., Estevens, A. e Gabriel, L. (2017). Urban Living Labs: cultural scenes, the Arts, and artists as levers of new urbanities. *Canadian Journal of Regional Science*, 40(1), 43-52.
- Barthélémy, F. e Boichot, C. (2014). Entre mouvement et ancrages: les spatialités d’artistes mobiles. *Belgeo*, 3, 1-14.
- Bauman, Z. (2000). *Liquid Modernity*. London: Polity Press.
- Becker, H. (1982). *Art Worlds*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press.
- Bourdieu, P. (1986). The forms of capital. In J. Richardson (Ed.). *Handbook of theory and research for the sociology of education*. New York: Greenwood, 241-258.
- Bourdieu, P. (1993). *The field of cultural production, essays on art and literature*. Cambridge, U.K.: Blackwell Publishing Ltd.
- Brickell, K. e Datta, A. (2011). Introduction: Translocal Geographies. In K. Brickell e A. Datta (Eds.). *Translocal Geographies: Spaces, Places, Connections*. Aldershot: Ashgate, 3-22.
- Cresswell, T. (2006). *On the move: mobility in the modern Western world*. New York: Routledge.
- Dueter, E. (2013). Artists mobility and the Baltic cities: Revealing a transnational art world. *Networking Knowledge*, 6(4), 107-120.
- Faist, T. (2013). The mobility turn: a new paradigm for the social sciences? *Ethnic and Racial Studies*, 36(11): 1637-1646.
- Gill, R. e Pratt, A. (2008). Precarity and Cultural Work in the Social Factory? Immaterial Labour. Precariousness and Cultural Work. *Theory, Culture & Society*, 25(7-8), 1-30.
- Hannam, K., Sheller, M. e Urry J. (2006). Editorial: Mobilities, Immobilities and Moorings. *Mobilities*, 1(1): 1-22.
- Heinich, N. (2005). *L’élite artiste: excellence et singularité en régime démocratique*. Paris: Gallimard.
- Hirvi, L. (2015). "A Suitcase full of Art". Transnational mobility among Berlin-based visual artists from Finland. *Ethnologia Europaea*, 45(1): 98-113.

- King, R. (2002). Towards a new map of European migration. *International Journal of Population Geography*, 8(2): 89-106.
- Levitt, P. e Glick Schiller, N. (2004). Conceptualizing Simultaneity: A Transnational Social Field Perspective on Society. *International Migration Review*, 38(3): 1002-1039.
- Markusen, A. (2013). Artists work everywhere. *Work and Occupations*, 40(4), 481-495.
- Meinhof, U-H. e Triandafyllidou, A. (2006). *Transcultural Europe: Cultural Policy in a Changing Europe*. Basingstoke, UK; New York, USA, Palgrave Macmillan.
- O'Connor J. e Gu, X. (2016). Creative clusters in Shanghai. Transnational intermediaries and the creative economy. Em Wang J., Oakes, T. e Yang, Y. (eds.) *Making cultural cities in Asia*. London and New York: Routledge, 21-35.
- Robertson, I. (2005). *Understanding international art markets and management*. Routledge, New York.
- Shaw, S. (2014). *Off Center: Art careers in peripheral places*. Doctoral dissertation in Sociology, Vanderbilt University, Nashville, Tennessee.
- Sheller, M. (2011). Mobility. *Sociopedia.isa*, 1-12, doi:10.1177/205684601163.
- Silver, D. e Clark, T. (2015). The power of scenes. *Cultural Studies*, 29(3): 425-449.
- Silver, D., Clark, T. e Graziul, C. (2011). Scenes, innovation and urban development. In D. Andersson, A. Andersson e C. Mellander (Eds.). *Handbook of Creative Cities*. Cheltenham, UK: Edward Elgar, 229-258.
- Smith, M. P. (2001). *Transnational Urbanism: Locating Globalisation*. Oxford: Blackwell.
- Straw, W. (2004). Cultural Scenes. *Loisir et Société / Society and Leisure*, 27(2): 411-422.
- Urry, J. (2000). *Sociology beyond societies. Mobilities for the twenty-first century*. London and New York: Routledge.
- Pratt, A. (2008). Creative cities: the cultural industries and the creative class. *Geografiska Annaler: Series B, Human Geography*, 90(2): 107-117.



ÁGORA

Encontros entre a cidade e as artes: explorando novas urbanidades
Encounters between the city and arts: exploring new urbanities

Acesso livre ao livro de resumos completo:

Free access to full abstract book:

<http://cgp2017.weebly.com/>

<https://agoraprojecto.wordpress.com>

agora.ceg.ul@gmail.com